

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)

Interação entre universidade e setor produtivo local:
A UNESP Franca e o setor de calçados

Caio Bruno Cruz
Prof. Dr. Alexandre Abdal
Profa. Dra. Sabine Righetti

São Paulo – SP
2020

AGRADECIMENTOS

Sou grato por todo trabalho da coordenação de Administração Pública e por seu trabalho no combate às desigualdades.

Sou grato por toda minha família e por sua dedicação de tempo e recursos na minha formação. A eles dedico tudo de bom que a vida me proporcionar, pois sem eles nada disso seria possível.

Agradecimento ao GV Pesquisa por proporcionar a continuidade da construção de ciência em períodos tão difíceis. Obrigado por ser um ponto de luz em período de sombras que a ciência mundial atravessa.

Agradecimento aos meus professores e orientadores. Ao Alexandre Abdal por sua extrema destreza em lidar com o diferente e seu notório saber em desenvolvimento local e regional. A Sabine Righetti por fomentar o desejo pela pesquisa e por ensinar tudo que não tive oportunidade durante minha vida escolar de aprender. Não podemos falar sobre mudança na educação do nosso país se os professores, principais agentes dessa mudança, não estiverem aptos a receber as novas populações antes privadas do ensino de qualidade.

E em especial à minha irmã Amanda Thaiz Cruz que nos deixou este ano para desbravar o desconhecido pós vida. Obrigado por todo amor e compreensão durante meus 23 anos ao seu lado.

**A interação entre universidade e setor produtivo local:
A UNESP de Franca e o setor de calçados**

RESUMO

O desenvolvimento local surge para estudar com um recorte espacial e focal os efeitos do crescimento econômico na melhoria da qualidade de vida de uma população e suas práticas de cooperação entre diferentes agentes da sociedade. Entre esses agentes estão as universidades e setores produtivos locais.

A seguinte pesquisa busca estudar como a Universidade Estadual (UNESP) de Franca interage com o setor produtivo local, nesse caso, a indústria de calçados. Porém, ao analisar o conteúdo através de entrevistas com a gente locais, é possível notar uma série de incentivos ou ausência deles que dificultam ou impulsionam para que essa interação aconteça.

Para o debate teórico sobre o tema foram usados alguns estudiosos sobre desenvolvimento local, mas o foco principal está em Ann Markusen (1995), e o conteúdo produzido por ela ao analisar distritos industriais ancorados por equipamentos públicos, que nesse caso será representado por uma universidade.

Por fim os resultados dessa pesquisa nos mostram que as dificuldades que surgem para ambos os agentes locais os impedem de articular ações, programas e projetos que poderiam ser proveitosos para todos e para o local estudado e que o protagonismo deles também é um dos responsáveis por tornar a articulação ainda mais difícil em âmbito local. Além disso, uma série de visões conflitantes entre a comunidade e a universidade, o setor produtivo e a universidade e entre universidade e os outros dois agentes, dificultam a inserção local da UNESP em Franca, restringindo suas ações para com a sociedade local.

Palavras-chaves: Universidade; relação universidade-setor produtivo; desenvolvimento local; setor produtivo; articulação e sociedade.

APRESENTAÇÃO

Essa pesquisa teve como objetivo principal analisar a interação entre universidade e setor produtivo na região de Franca interior de São Paulo, buscando quais são suas contribuições, dificuldades e oportunidades. Trazendo além da discussão teórica, uma análise local dos arredores da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) em Franca. Ao longo da pesquisa uma série de entrevistas com agentes locais, como membros da Associação de Comércio e Indústria de Franca, alunos da UNESP, membros da empresa júnior de relações internacionais da universidade e alguns moradores dos arredores e donos de pequenos comércios da região. Usando as teorias sobre desenvolvimento local e articulação entre diferentes agentes cooperando ou não para alcançar uma melhoria no bem-estar socioeconômico. Como forma de desenvolver uma análise crítica sobre a pesquisa foram escolhidas da literatura sobre desenvolvimento local através de distritos industriais de Ann Markusen (1995) e outros autores. Buscando estudar como é a interação entre universidade e setor produtivo local na região escolhida e de que forma ela pode contribuir para o desenvolvimento local de Franca.

1. INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa foi estruturada para estudar a interação entre universidade e setor produtivo, escolhendo o recorte local da UNESP de Franca e seu setor produtivo local a indústria de calçados de couro de Franca. Buscando através de entrevistas com atores locais entender quais dificuldades e oportunidades surgem dessa interação e estudar se ela pode impulsionar o desenvolvimento local da região.

Os conteúdos elaborados sobre desenvolvimento local por meio das universidades possuem uma narrativa voltada para mostrar os resultados da interação entre os agentes que compõem a sociedade de uma forma tradicional, como centros de pesquisas, extensões universitárias, empresas e industriais (Bovo, 2012). Usando, em sua maioria, estudos de casos de sucesso para legitimar essa interação e apontar ela como bem-sucedida e positiva, tornando evidente casos de insucesso quando necessário para mostrar o quanto a desarticulação entre dois ou mais agentes proporciona o fracasso de ações que são direcionadas para a sociedade, empresas ou indústrias. Quando partem das universidades sem diálogo entre os agentes envolvidos para umas determinadas ações, essas se desassocia da lógica local e de sua realidade, tornando as atividades realizadas de caráter acadêmico proveitoso a longo prazo e para estudos aplicados, mas a capacidade de gerar impacto pode ser reduzida e limitada nesses casos. Porém, essa relação possui uma série de fatores que influenciam para seu sucesso. Informações como de quem parte a demanda por essa interação e cooperação, a onde ela ocorre, quais são os motivos que levam ambos a interagirem em prol da melhoria de uma determinada situação ainda é omissa na literatura sobre o tema. O foco principal da literatura que foi analisada nesta pesquisa está voltado para mostrar o que levou a casos de sucesso nessa interação, e ainda os resultados que evidenciam esse sucesso, como aumento da renda, aumento da produtividade e melhora na qualidade de vida.

Markusen (1995), em *Tipologia dos Distritos Industriais*, uma das importantes obras sobre desenvolvimento local por meio da indústria e setor produtivo, aborda o desenvolvimento local do setor produtivo através das universidades. Fazendo uma separação entre externalidades das universidades que podem gerar aumento de consumo e renda, e integralidade ao setor produtivo como o desenvolvimento de tecnologias nas distintas áreas. Essa também é a visão da socióloga especialista em desenvolvimento local Saxenian (1996), ao analisar o Vale do Silício e seu desenvolvimento fruto da relação intensa entre academia, indústrias e empresas de tecnologia. Mas no Brasil, a lógica de

articulação foi perdida (Martins, Vaz e Caldas, 2010), segundo estudiosos sobre desenvolvimento local através das relações entre sociedade, academia e setor produtivo em cooperação, apontam que as práticas de sucesso da articulação são pouco mencionadas durante os estudos de caso. Essa literatura deixa passar as miudezas dessas relações, porém, tornam evidente que ela existe e acontece, e não é composta de infraestruturas, para que ela ocorra é necessário o desenvolvimento de relações humanas interessadas em cooperar. Além disso, vale a pena ressaltar que a lógica de desenvolvimento local hoje, em 2020, dado às iniciativas globais e ação da Organização Nações Unidas (ONU), mudaram e estão além da simples geração de emprego e renda.

Observa-se uma lacuna na literatura referente a interação dos agentes e essa lacuna é caracterizada pela ausência de relatos da interação humana que é o fator responsável por articular as organizações, mesmo que a ideia esteja intrínseca ao tema. Ao observar a interação entre as organizações que gera em boa parte o conteúdo sobre desenvolvimento local através das universidades, nota-se uma visão superficial, não no sentido de ser uma análise simples sobre o conteúdo, mas sim de uma perspectiva de análise das organizações e como elas se relacionam. Não evidenciando o fator humano das relações e ações que promovem o visível desenvolvimento local e é nessa dimensão que surgem as dificuldades e oportunidades que levam ou não agentes a cooperarem.

A pesquisa irá introduzir a discussão teórica de forma breve sobre desenvolvimento local, articulação entre universidade e setor produtivo. Trazendo alguns estudos de casos para auxiliar na explicação do tema. Seguido do relato do estudo de caso da pesquisa e análise sobre os relatos com base na literatura levantada sobre articulação entre universidades e setor produtivo. Sugerindo com base nas descobertas dessa pesquisa, temas para continuidade de pesquisas relacionadas.

Esse relatório está estruturado em VIII principais seções, além desta introdução e uma conclusão reflexiva sobre o tema e o estudo de caso no final. A seção I de introdução conta com um capítulo sobre a UNESP e sobre Franca na seção II, explicando um pouco dos desafios no campo estrutural de ambas. Logo após uma discussão teoria sobre desenvolvimento local, articulação e os resultados da cooperação entre os agentes locais na seção III. As metodologias de pesquisas usadas para realizar a investigação e coleta de dados para produzir os resultados encontrados na seção IV. A seção VI sobre resultados encontrados conta com uma série de pontos mais relevantes, descritos como manchetes contendo o que de mais relevante para a pesquisa em cada um deles, e no final de tudo uma conclusão na seção VI e a bibliografia e referências usadas na pesquisa VII.

2. TEORIA

O desenvolvimento local é um conceito de recorte dimensional usado para estudar a melhoria socioeconômica de determinada localidade. E o tema já tem sido debatido há algumas décadas (Abdal, 2015). As primeiras pesquisas sobre o desenvolvimento local surgem na Europa a partir de 1960, logo após a ECO 92, devido a crise do modelo Fordista de desenvolvimento. O desenvolvimento local teve em sua primeira nomenclatura o nome de eco desenvolvimento, mas a ideia de descentralizar o poder e desenvolver independência econômica e de ação, através de políticas públicas, das regiões não centrais ao redor do mundo, presente até hoje nas discussões sobre os objetivos do desenvolvimento local. O conceito do que é desenvolvimento local pode ser subjetivo, mas pode ser mais bem compreendido se analisado à luz da teoria. *Development* pode ser interpretado como *desenvelodar*, o significado abrangente da palavra pode ser traduzido como crescimento, descoberta, revelação, exploração, incremento e evolução gradual. De forma mais objetiva pode ser a retenção local da renda e riqueza gerada usada para benefício local, representando assim uma mudança, ou melhoria, estrutural (Burgos, 2013). Desenvolver o local nos remete a ação de algo que tem a intenção de dar ao local oportunidade de ser maximizado em vários aspectos, sejam eles econômicos ou sociais, ou seja, é a expansão das suas próprias capacidades (Sen, 2010). Já o desenvolvimento local através de equipamentos públicos, inclusive as universidades, é um tema ainda recente no Brasil, mas não tão recente no mundo.

A Europa concentra parte dos estudos sobre desenvolvimento por meio das universidades, talvez pelo fato de que a região foi justamente o berço das universidades (Bolonha, na Itália, de 1088, é considerada a instituição mais antiga do mundo). É, aliás, na Europa que surge o conceito de "universidade" como conhecemos, que casa ensino e pesquisa científica, a partir de documento de Wilhmen von Humboldt na ocasião da criação da Universidade de Berlim, na Alemanha (Humboldt, 1810 em Righetti, 2016). Seja por sua dimensão que facilita a mensuração de uma variável que pode ser tão sutil como a construção de uma universidade em determinada região. Os estudos apontam para uma melhora econômica das regiões com campus universitários, gerando aumento de emprego e renda na maioria dos casos (Markusen, 1995, Saxenian, 1994).

É nessa concepção que Markusen (1995) se debruça para explicar em sua teoria sobre desenvolvimento local através dos distritos industriais ancorados por instituições estatais, sendo uma delas as universidades. Ela menciona a interação entre setor

produtivo, indústrias e *clusters* industriais como benéfica para o desenvolvimento local. Durante esse período Saxenian (1995), desenvolve pesquisas relacionadas ao desenvolvimento local de duas regiões, o Vale Do Silício e Rota 128, mostrando o quanto a interação constante dos setores industriais, público e privado, e o incentivo a pesquisa em universidade, competitividade entre industriais e inovação, contribuem para o desenvolvimento das regiões com grandes concentrações industriais. Ou seja, ambas trazem a visão sobre uma interação entre academia e setor produtivo benéfica e frutífera para o desenvolvimento local, mas com pontos de vistas diferentes e complementares.

De fato, a universidade tem impacto no desenvolvimento local e já existem pesquisas que mostram isso. A pesquisa realizada sobre as UNESP, Bovo (2012), é uma análise do aumento da arrecadação municipal em regiões que possuíam uma universidade. Neste caso, o autor utilizou os dados de todas as unidades da Universidade Estadual de São Paulo, conhecidas como UNESP, até 2012. A pesquisa demonstra aumento do ICMS nas regiões que possuem as universidades. Bovo (2012) menciona ainda que o aumento de arrecadação está diretamente ligado ao aumento do consumo local que gera aumento de emprego e da especulação imobiliária que cresce na região por conta da locação de imóveis para moradia estudantil (Oliveira. A, 2012). Essa visão nos serve como ponto de partida para conectar as teorias sobre desenvolvimento local de Markusen (1995) e Saxenian (1994) que de alguma forma mencionam isso de forma intrínseca em suas pesquisas. Para Markusen o principal fator é analisar os efeitos positivos que um equipamento público pode causar de impactos para o desenvolvimento do local através da ancoragem em equipamentos públicos, dentre outros. Já para Saxenian (1996) é necessário buscar compreender esses mesmos efeitos como fruto das relações entre diferentes agentes, como setor privado, setor público e universidades, buscando identificar qual o tipo de interação está ocorrendo.

O desenvolvimento local tem que se dar através de ações que sejam descentralizadoras de renda, pois caso contrário aumentará a desigualdade local no longo prazo (Burgos, 2013), e de fato, isso já se mostrou ineficiente. A lógica de *financeirização*, ou seja, injetar sem planejamento dinheiro em determinado local, buscando aumento de emprego e renda através do consumo a curto prazo é insustentável. O caso retratado no documentário, *Estou Me Guardando Pra Quando o Carnaval Chegar* (2019), relata o quanto a desindustrialização, o consumo e a oportunidade de gerar produtos para a comercialização podem provocar ainda mais pobreza para uma região, e este é apenas um dos relatos que comprovam que essa forma de gerar desenvolvimento

local para uma região traz apenas benefícios de curto prazo e que não são sustentáveis ao longo do tempo (Martins, Vaz e Caldas, 2010). Por isso a inserção de políticas públicas, políticas de cooperação com setor privado e ações da sociedade civil tornam-se vitais para transformar o contexto socioeconômico local, e não apenas um ou outro ator principal, devem ser as responsáveis por promover o desenvolvimento daquela região. Os governos locais devem atuar para prover políticas de incentivos para o desenvolvimento dessas regiões (Burgos. F, 2013).

Mesmo que no Brasil, segundo alguns estudiosos sobre desenvolvimento local, a capacidade de articulação e cooperação entre atores com interesses distintos a princípio, mas como o propósito de desenvolver ao final algum desenvolvimento, foram perdidas no país (Martins, Vaz e Caldas, 2010). Mas não completamente, ainda existe alguns relatos e estudos de casos de setores que internamente se articulam para conquistar objetivo. Como, por exemplo, o polo moveleiro de Manaus, construído por um comitê organizado de setores interessados na fabricação e exportação de móveis (Martins, Vaz e Caldas, 2010). Essas ações tendem a não sobreviver, pois uma simples queda nas vendas desse setor, por exemplo, pode provocar um prejuízo em cadeia. Por isso os novos estudos sobre desenvolvimento local apontam para o desenvolvimento de políticas públicas e o envolvimento da sociedade civil como fatores decisórios para a manutenção de um crescimento econômico duradouro.

O crescimento econômico deve ser apoiado em boas práticas que articulam políticas públicas e aumento de consumo local, segundo o guia de desenvolvimento local da Organização para Cooperação e Desenvolvimento (OCDE). O guia produzido pela OCDE explica que esse crescimento de econômico deve ser sustentável, no sentido de depender se uma série de fatores locais que o impulsiona, referindo-se a ele como *sustainable growth*.

Mas fazer o crescimento ser sustentável não é tão fácil como na teoria. Articular, engajar e cooperar são ações que envolvem intensamente a ação humana, e essa parte é pouco mencionada na literatura. O que levaria estudantes a ter interesse em auxiliar o setor industrial de um determinado local? E o que levaria empresários e donos de indústria a procurar alunos de uma universidade para resolver problemas comerciais ou administrativos? Quais seriam a maior dificuldade percebida desses dois agentes agindo em colaboração? Perguntas como essas podem ajudar embasar as razões pelo qual o desenvolvimento de articulação entre diferentes agentes ocorre ou não.

No mundo, outras experiências já apostam que o futuro das universidades está em criar mais laços com o ambiente externo. O programa *Stanford 2025* (da Universidade de Stanford, nos EUA), em um dos protótipos desenvolvidos para inovar a forma como é ofertado o ensino superior, desenvolveu um modelo onde alunos entram na universidade para resolver problemas externos já existentes. E as aulas giram em torno da resolução desses problemas através de ferramentas e troca de conhecimento. Soluções como essas mostram o quanto inserir atividades na rotina das universidades que busque de alguma forma interagir com o ambiente externo, seja sociedade civil ou setores empresariais, é um dos caminhos para inovar e desenvolver novas tecnologias. A articulação entre setores e organizações pode ser benéfica para o desenvolvimento local, mas sua ausência também pode estagnar regiões e pequenos municípios. Segundo auditoria realizada pelo Tribunal de Contas da União (TCU), em uma análise da articulação e sua ausência em programas no Brasil, de 2017 até 2019, teve como resultado que o Brasil gasta mais do que o necessário por não articular organizações. Entre elas universidades e setores produtivos. O TCU menciona em seu parecer “*A aplicação de políticas públicas e ações fragmentadas está gerando ineficiência dos recursos públicos*”.

Os principais conceitos sobre desenvolvimento local mostram que as universidades podem ser propulsoras de desenvolvimento local, seja por sua estrutura atrair investimentos ou pelo aumento do consumo e renda que os frequentadores da universidade provocam (Bovo, 2012; Markusen 1995; Saxenian 1996). Mas é necessário que ocorra enraizamento, nesse caso, podemos mencionar enraizamento local como participação constante ou duradoura de um agente no local. A sua existência de um determinado agente não significa necessariamente que ele exista para aquela localidade, pois ele pode ter suas práticas ensimesmadas.

Para Markusen (1995), essa forma de desenvolvimento através das universidades como desenvolvedoras de ações, como pesquisa e extensão que impactem o setor produtivo da região, pode ser enquadrada em sua definição de Novo Distrito Industrial (NDI) suportado pelo Estado.

O NDI suportado pelo Estado, (*state-centered*) uma categoria mais eclética na qual uma capital de Estado instalações militares, instituições de pesquisa ou alguma empresa estatal funcionam como âncoras do desenvolvimento. Tipologia dos Distritos Industriais, Markusen, 1995, pg 14-15.

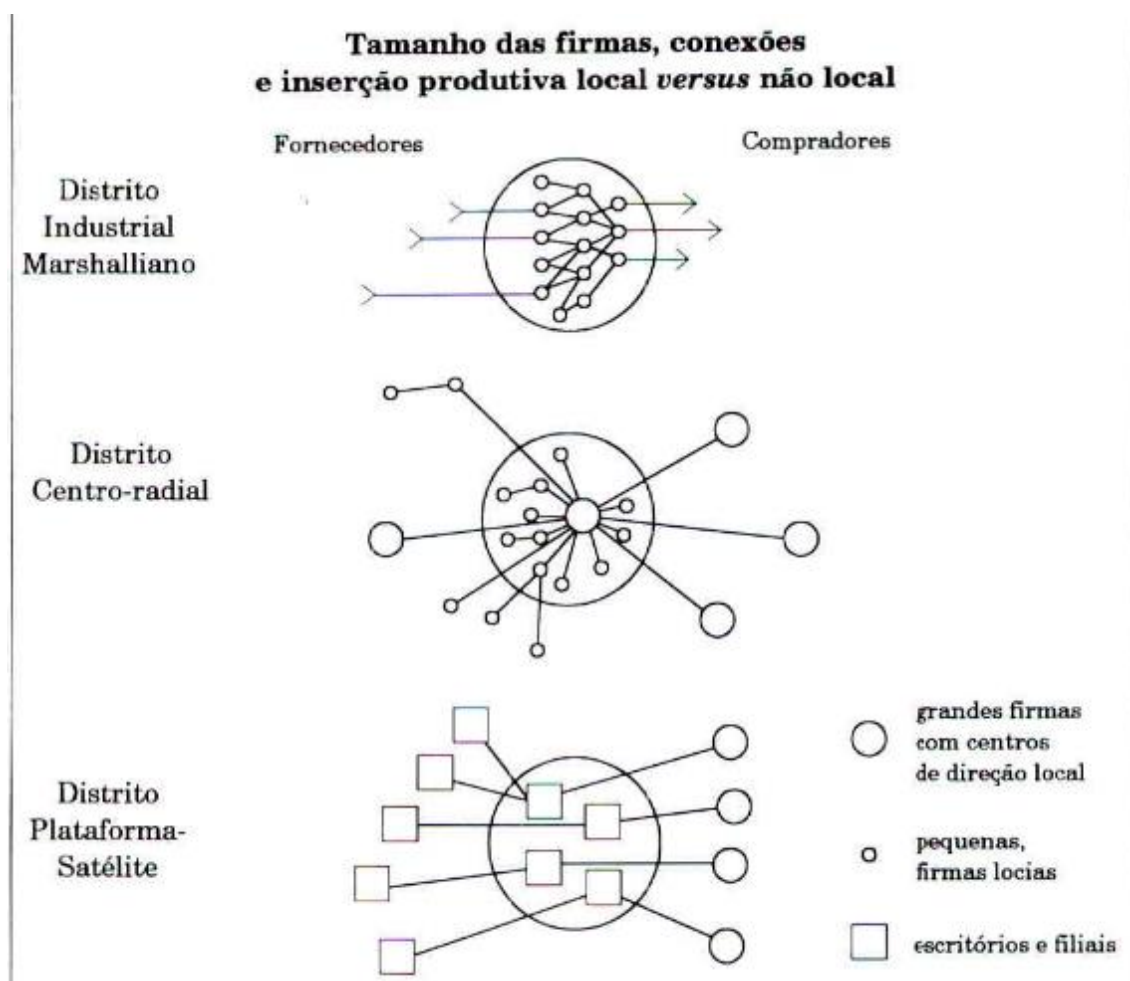
Para analisar a região de Franca e seu setor produtivo, podemos ressaltar a observação de Markusen sobre a estrutura dos NDIs, pois eles podem ser compostos por mais de uma forma, e ainda estabelecer relações de cooperação entre eles. Como no caso de Franca que já possui um cluster industrial antes da chegada da UNESP como agente representante do Estado (Markusen, 1995).

A globalização possui um papel fundamental, pois o cenário antes da abertura global da região de Franca, como a exportação de calçados, mas também a importação de produtos similares de países como a China, ameaçam a estrutura industrial da região. Como mostra a pesquisa realizada por Sampaio (Sampaio. E, 2020).

Ao longo do tempo, e após 1988, principalmente, com as medidas de abertura do Brasil para o mundo a partir da década de noventa, Franca praticamente inverteu seu modelo industrial calçadista, passando de uma maioria em grandes e médias empresas, para ser predominantemente ocupada por micro e pequenas empresas do setor. A tática de incentivo de redução de tributação sobre produtos e serviços com intuito de reduzir os custos para o setor, não se mostraram eficientes a longo prazo, pois a ausência de novas práticas e recolocação no mercado global, dificultam a manutenção dos custos industriais para os empresários (Sampaio. E, 2020).

Markusen (1995) já aponta sobre essa questão ao observar a economia proposta pelo Plano Marshall para região Sul da Itália, esses distritos Marshallianos, geraram NDI de um conjunto de pequenas empresas, assim como o atual cenário de Franca em 2019, Eudázio (2019), mas que ao longo dos anos esse modelo se torna insustentável, pois a compra de matéria prima e serviços que virá de fora da região, dado que a concentração do mesmo tipo de produção está centralizada, e necessitará ainda de consumo externo a região para que todas as pequenas empresas sobrevivam. Mas não é só isso, Markusen aponta a necessidade de suporte técnico e financeiros, prática de atividades inovadoras, expertise em estratégias de marketing, articulação entre as empresas, competitividade, divisão do risco e a cooperação conjunta de atores locais, já que a estratégia econômica se baseia em integração *socioespacial*, ou seja, atores em conjuntos buscando a melhoria da sua região. Uma abaixo imagem ilustra a composição dos distritos.

Figura 1 – Composição dos distritos industriais



Fonte: Áreas de Atração de Investimentos em um Espaço Econômico Cambiante: A tipologia dos distritos industriais. página 16. (1995). Edição 2.

É importante ressaltar que os estudos sobre desenvolvimento local, como no caso de Markusen (1995) e Saxenian (1994), ressaltam a relação entre crescimento e estabilidade nessas economias de aglomerações como ponto chave para o desenvolvimento. Em outras palavras um crescimento estável e contínuo de longo prazo necessita de sustentabilidade. Para garantir maior sustentabilidade no crescimento econômico, segundo as diretrizes do desenvolvimento sustentável e seus objetivos estabelecidos pela Organização das Nações Unidas junto aos países membros, é necessário articular todos os setores da sociedade. Dessa forma surge uma economia mais complexa, onde a dependência desses vários atores contribuindo para o desenvolvimento tornem a estrutura regional econômica menos suscetível à instabilidade. Dado que se todos agentes concentrarem uma parcela parecida nessa contribuição, a ausência ou desmonte de um desses agentes, seja privado ou público, não impacte de tal forma que

venha a destruir a economia local de uma região. Em outras palavras, é descentralizar renda para tornar a região menos desigual em oportunidades e contribuições.

Os governos podem interferir para tornar esse desejo de crescimento econômico possível. A atuação dos governos locais para construção e uma economia mais sustentável que reduz as desigualdades já é realidade em políticas públicas no país (Burgos, 2013). Algumas experiências de incentivo ao consumo local como utilização de voucher de consumo local distribuído para os funcionários públicos em uma rede de lojas cadastradas com a prefeitura, busca diluir os valores e gerar renda para o comércio local. A criação de bancos públicos locais, comprar produtos agrícolas nas hortas locais e ainda desenvolver programas de incentivo ao empreendedorismo (Burgos, 2013). Todas essas ações podem ajudar a descentralizar a renda da forma local, diluindo a capacidade econômica entre vários agentes. Mas é importante ressaltar que a proposta da articulação visa a não criação de agentes para interferir nessa relação, mas de políticas públicas que construa maiores oportunidades e incentivos para que os atuais agentes locais se articulem, que de certa forma aproxima os agentes incentivando a cooperação. E que possam potencializar suas capacidades de atuação para impulsionar o desenvolvimento local dos atores já existentes.

Se observarmos essas ações, mesmo que superficialmente, vemos um esforço do Estado em fazer aos agentes cooperarem entre si. Podemos pensar da seguinte forma: um agente que concentra renda e torna desigual a distribuição pode ter influência e alta capacidade de promover desenvolvimento para uma região. Porém, se esse mesmo agente, que está sozinho com uma parcela desproporcional de concentração de renda sofrer alguma intempérie, ele afundará a região junto com ele. Não há como falar de desenvolvimento local, desenvolvimento sustentável sem falar de desigualdade. Por isso a importância de articular os agentes para dessa forma distribuir de forma equânime as responsabilidades, oportunidades, poder de decisão e renda, como forma de evitar empobrecimento das regiões no longo prazo. Por isso, descentralização e combate a desigualdade econômica nessas pequenas regiões fazem parte do desenvolvimento local que pode ser impulsionado pela articulação entre universidade e setor produtivo.

Tabela 01 -

Quadro de referências: principais literaturas utilizadas

Autor, ano.	Objeto de estudo	Conclusão
Ann Markusen, 1995.	Distritos Industriais	Aglomerados industriais podem impulsionar o desenvolvimento local de uma região através de diferentes dinâmicas. Incluindo a articulação e ancoragem através de um equipamento público. Novo Distrito Industrial (NDI) ancorado pelo Estado.
AnnaLee Saxenian, 1994.	A relação entre universidade, indústrias de tecnologia e empresas	A articulação, competitividade e a capacidade de produção de tecnologia é fator decisivo para o desenvolvimento de uma região através da cooperação de vários agentes.
Fernando Burgos, 2013.	A atuação dos governos locais para reduzir a desigualdade	É necessário a atuação dos governos locais através de políticas públicas para a promoção de desenvolvimento local, pois apenas aumento de emprego e renda a curto prazo é insustentável para o desenvolvimento econômico local.

3. A UNESP FRANCA E O SETOR PRODUTIVO LOCAL: DESAFIOS ESTRUTURAIS

A região de Franca, interior de São Paulo, é reconhecida nacionalmente por sua indústria de calçados de couro. Porém, após as políticas de abertura econômica e aumento da competitividade com outros países após a década de noventa, a cidade enfrentou a necessidade de readaptação da sua estrutura produtiva. A produção de calçados demanda intensa mão de obra para a confecção das peças e isso eleva o custo agregado ao produto. E para se tornar mais competitivo o setor industrial buscou reduzir os custos na

fabricação, optando por regiões que oferecessem menos tributação para as fábricas. Isso provocou uma regionalização das indústrias calçadista de Franca, que desconcentrou seu pólo produtivo indo para os arredores da cidade e até mesmo para o interior de Minas Gerais (Eudázio, 2020). Logo, o desenvolvimento de tecnologia para reduzir o custo de produção ou táticas de aumento da demanda e redução do preço a longo prazo poderiam ser soluções para o setor. Investindo em um mercado cada vez mais global e aprimorando suas táticas de exportação. Mas esse não é o cenário do setor produtivo local de Franca. A estagnação do setor, precarização da mão de obra e a procura por outros setores para substituir a matriz econômica da cidade já é uma realidade para o poder público (Eudázio, 2019 e ACIF, 2020). A cidade de Franca está entre uma das maiores cidades do interior paulista, ela conta com uma população de 318.187 habitantes, com uma renda média de até 2,2 salários mínimos (R\$ 2.299,00), mas apenas 28,7% da população possui renda estável e vínculo empregatício (CLT). (RAIS MTE, 2018; IBGE Municípios, 2018). A queda no número de empregos registrado no setor de calçados em 10 anos (2007 até 2017), segundo a ACIF, foi de quase 20%, sendo que 2018 e 2019 podem ter acelerado essa queda, que ainda não possui um levantamento mais atual (ACIF, 2020). A cidade enfrenta hoje o problema estrutural da perda da sua matriz produtiva, ausência de desenvolvimento tecnológico e falta de apoio dos demais agentes envolvidos. O setor industrial, devido a melhora na qualidade de vida da cidade, teve aumento nos custos para se manter na região nas antigas proporções.

A UNESP de Franca é o campus universitário de ciências humanas e sociais. O campus de Franca possui os seguintes cursos de graduação: Serviço social, Direito, História e Relações internacionais, titulando seus alunos em duas modalidades: licenciatura e bacharelado. Além disso, o campus universitário de Franca possui os seguintes cursos de pós-graduação: PPG em Direito, PPG em Serviço Social, PPG em História e o mestrado em Planejamento e Análise de Políticas Públicas. A universidade possui 7 projetos de extensão. São eles: Departamento de História, Departamento de Direito Público, Departamento de Direito Privado, Processo Civil e Trabalho, Departamento de Serviço Social, Departamento de Projetos Sociais, Educação e Políticas Públicas e a Empresa Júnior ORBE de relações internacionais. O surgimento de programas de extensão parte do interesse dos professores e alunos da universidade como mostra o fluxo dividido em etapas para a criação de um projeto de extensão.

Figura 2 – Fluxograma para aprovação de projetos na UNESP de Franca



Fonte: Material institucional da UNESP. Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/#!/extensao/projetos/etapas---projetos-de-extensao/>.

Observa-se no quadro acima que iniciar um projeto ou programa de extensão na universidade não é fácil. O processo é constituído de 14 passos até o resultado e aprovação. Nenhum dos projetos está diretamente ligado ao setor produtivo da cidade de Franca, mas, de certa forma, a ORBE (Empresa Júnior de Relações Internacionais) presta consultorias para empresas privadas e equipamentos públicos, auxiliando na ampliação da capacidade de planejamento e melhoria administrativa em temas como exportação e importação. A universidade conta com aproximadamente 2000 alunos entre graduação, mestrado e doutorado e 90 professores (UNESP, 2019). A estrutural da universidade não está diretamente posicionada para a matriz produtiva e econômica da região. O SENAI de Franca, por exemplo, possui cursos voltados para o setor produtivo local, como Designer de Calçados, Aprendizagem Industrial, Couro e Calçados - Produção, que envolve uma série de curso só voltados para o setor calçadista. E ainda um curso técnico em automação de manufatura. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) é fundado exatamente para essa proposta, auxiliar o desenvolvimento industrial através da formação de mão de obra qualificada para o setor da indústria. Mas esse não é o caso da UNESP, sua proposta inicial é a descentralização da formação em ensino superior

(Bovo, 2012). O setor produtivo de uma região pode ser uma entrada para o enraizamento de uma instituição, mas caso essa instituição não possua em sua estrutura ferramentas, mecanismos ou programas para que isso ocorra, corre-se o risco de não acontecer.

4. MÉTODOS

Esta pesquisa tem base em revisão literária e pesquisa bibliográfica sobre temas ligados a desenvolvimento, desenvolvimento local, papel das universidades e interação entre agentes e articulação entre setor produtivo e sociedade. Foi realizado entrevistas e um grupo focal para captar a opinião dos atores locais sobre a interação entre universidade e setor produtivo em Franca.

O método de estudo de caso utilizado para olhar a atuação da UNESP com seu setor produtivo através da opinião dos agentes envolvidos no contexto local e ainda, uma análise que envolveu observação, entrevistas, realizadas presencialmente antes da pandemia e a distância. E ainda um grupo focal com alunos da universidade (UNESP), membros da ACIF e empresários. Essa metodologia foi escolhida para aprofundar a pesquisa ao analisar as dificuldades na esfera das relações pessoais que envolve as instituições. Esse conteúdo serviu como base para pensar a triangulação de pesquisa, onde a teoria sobre distritos industriais ancorados pelo estado e suportados por articulação entre agentes de Markusen (1995) direcionou o olhar para a hipótese da pesquisa. Depois disso, o trabalho de aproximação dos agentes e análise da opinião deles sobre desenvolvimento através da relação entre universidade e setor produtivo.

Tabela – 02

Quadro de entrevistas: entrevistas realizadas

Entrevistas realizadas	Quantidade: 23
Perfil dos alunos: Alunos entre 18 e 23 anos da Universidade Estadual de São Paulo.	Entre alunos, moradores, empresários locais e membro da associação do setor produtivo (ACIF).
Perfil dos empresários: Homem, branco acima dos 40 anos de idade e de classe média.	Identificação: Comerciante 01, 02, 03,04 – donos de comércios locais
Perfil do entrevistado ACIF: Homem, branco, acima dos 30 anos de Idade.	Empresário do setor calçadista 01, 02, 03 – proprietário de lojas de calçados em Franca
Perfil dos moradores locais: homens e mulheres entre 18 e 50 anos. Moradores	

dos arredores da UNESP, frequentadores de comércios e praças.	ACIF 01 – diretor de planejamento econômico da Associação de Calçados de Franca (ACIF) *Esse grupo corresponde na Tabela 3 - Resultados das entrevistas ao Setor produtivo
Grupo focal (Devido a restrição a aglomerações o grupo focal foi feito com 11 alunos e um organizador através da plataforma ZOOM).	Quantidade: 1 Realizado com a empresa júnior da UNESP - ORBE de relações internacionais.
Entrevista com professor da Universidade Estadual do Ceará O professor Eudázio Sampaio estudou a região da UNESP e arredores em uma pesquisa que fez sobre o setor calçadista de Franca.	Quantidade: 1 Realizado com o Prof. Eudázio Sampaio que estuda as dinâmicas territoriais do sistema industrial de calçados.
Total de entrevistas	25

Foram selecionados 11 alunos e 1 organizador para mediação da discussão. Foi introduzida apenas uma pergunta e teve duração aproximada de 50 minutos via plataforma ZOOM e não foi gravada a pedido dos alunos. A escolha desses alunos estava ligando a seguinte condição: ter participado de alguma atividade pela universidade com o setor produtivo de calçados.

A entrevista com o professor Sampaio (2019) aconteceu logo após a finalização da revisão da literatura. Foi discutido com ele a hipótese da pesquisa e foi usada suas respostas como guia para direcionar o foco da pesquisa para os possíveis agentes locais que poderiam contribuir.

Foram realizadas entrevistas com questionário semiestruturado com 11 questões para abranger estudantes, empresários, donos de indústrias e moradores da região. De forma transversal três perguntas foram realizadas para todos os entrevistados. As entrevistas não foram transcritas, apenas as respostas de cada pergunta. Essas 3 perguntas constam Tabela de Resultados 1 no tópico resultados. O conteúdo coletado foi compilado em um único documento e analisado. Foi transcrito na tabela de resultados os pontos relevantes para o leitor tomar suas conclusões. Todos os entrevistados foram nomeados

com a seguinte formatação agente local (alunos, comerciante ou morador local, empresário e membro de associação), em respectivos números de 1 até 11.

Essa metodologia foi escolhida como forma de buscar enxergar a realidade ao unir a hipótese da pesquisa com a teoria principal analisada sobre desenvolvimento local através da interação entre universidade e setor produtivo. Os temas principais revisados para produzir a revisão de literatura que compõem a teoria que busca sustentar as motivações da pesquisa, assim como suas possíveis dificuldades, foram: Desenvolvimento local, desenvolvimento sustentável, desenvolvimento através da indústria, desenvolvimentos através da universidade e articulação entre sociedade, academia e indústria. Tendo como principais teóricos sobre o tema de Markusen e suas análises da década de noventa. Fernando Burgos e sua análise sobre o papel dos governos locais no desenvolvimento e ainda Annalee Saxenian; cooperação, competitividade e desenvolvimento; Sabine Righetti (2019); o papel das universidades e Alexandre Abdal (2010): estruturas produtivas regionais e desenvolvimento local. E como material de apoio a pesquisa de Eudázio Sampaio (2019) sobre a regionalização da indústria calçadista de Franca.

Logo após a análise e revisão de literatura, volta-se a buscar uma possível ligação com teorias estudar e a presente realidade do campo analisado, nesse caso a UNESP Franca e o setor produtivo local. Usando o conceito regional-local como o recorte municipal. Dessa forma, busca-se produzir uma pesquisa que aponte onde as teorias expressam a realidade e onde a prática sugere um nível maior de complexidade que a literatura sobre o tema.

5. RESULTADOS

Como principais resultados dessa pesquisa temos as dificuldades e oportunidades dos agentes em articularem projetos em conjunto e suas visões sobre o papel deles no desenvolvimento local de Franca. Isso será apresentado em quatro subtópicos: *i) As dificuldades dos alunos de graduação da UNESP de atuar com o setor produtivo de Franca, ii) As oportunidades de interação entre a UNESP e o setor produtivo local, iii) A desconexão da UNESP com o setor produtivo local e iv) As dificuldades da UNESP de se inserir no contexto local de Franca*, levando em consideração a análise das entrevistas e a literatura revisada na pesquisa. Além disso, uma tabela sintetizando informações para o leitor sobre a opinião de diferentes agentes locais de Franca sobre determinados temas.

Tabela 3 – Resultado das entrevistas

Principais apontamentos	Estudantes	Morador local	Setor produtivo
Existe interesse para iniciar projetos com a UNESP e a comunidade?	Sim, porém existem algumas dificuldades que impedem a concretização de alguns projetos. Entre elas a visão negativa da comunidade sobre os alunos, o conteúdo acadêmico denso e a rejeição local por universidades públicas em detrimento das universidades privadas.	Sim, mas a universidade tem pouca participação. Alunos são consumidores locais e participam de uma dinâmica muito particular que envolve a UNESP e os arredores.	Sim. A UNESP para a ACIF tem um papel fundamental, ela em desempenho está a frente das demais universidades, porém a burocracia dificulta a implementação de projetos com o setor produtivo. Não é a mesma visão para os empresários, a universidade em questão não apresentar interesse na opinião deles.
Qual seria a maior dificuldade encontrada para fazer um projeto com a UNESP?	A abertura da comunidade para os alunos da UNESP.	O interesse dos alunos em se disponibilizar para a comunidade local.	Burocrático institucional da UNESP. Limitação dos cursos. Ausência de especialização em programação útil para indústria.
E o que você acha que a UNESP deveria agregar a comunidade local e seu setor produtivo?	Maior participação e melhoria para a comunidade local através do aumento do bem-estar, garantindo maior acesso ao que a UNESP pode oferecer.	Poderia ajudar a região a sair da estagnação e do desemprego que hoje é algo latente na cidade. Além disso, poderia ser mais participativa com os moradores locais.	Desenvolvimento de tecnologia para o setor produtivo da região. E ser responsável por articular junto ao setor público estratégias e políticas públicas para auxiliar o setor produtivo local que está se desintegrando.

Foi introduzido, aos alunos a seguinte pergunta:

(1) *“Em sua opinião quais são os principais fatores que dificultam a ação dos alunos da graduação com o setor produtivo local? (empresas, comércios e indústrias) ”.*

Tabela 4 - Grupo focal: alunos participantes do grupo focal

Alunos e suas respectivas percepções
<p>Aluno 1 – A dificuldade que o grupo tem como universitário e a linguagem com a sociedade nos arredores. Exportação do conteúdo aprendido em sala de aula para a sociedade. A linguagem técnica torna as atividades com um ar acadêmico. Termos técnicos sobre o tema afastam os empresários, pois tudo parece ser teorizado e isso deslegitima as ações.</p>
<p>Aluno 2 – A ausência de iniciativas de democratizar o conhecimento sobre as potencialidades das universidades. Isso poderia ser feito através de aulas em escola pública em Franca. Criando um senso crítico nos alunos, ampliando a visão de mundo sobre o tema de atuação das universidades em benefícios da comunidade.</p>
<p>Aluno 3 – Algo bem recorrente é a falta de informação geral sobre diversos temas. Em geral eles não sabem a coisa mínima sobre informação do que estudamos na universidade. Educação e falta de credibilidade são as maiores dificuldades enfrentadas, a maioria das pessoas tem um pé atrás. Eles demonstrar receio. Não tem credibilidade na perspectiva acadêmica e gera um ambiente de pouca harmonia entre os alunos. É uma questão de desigualdade de uma cidade global. A lógica de levar para um centro de desenvolvimento. Convidaram a Orbe para participar. As atividades realizadas no planejamento entre o setor produtivo e a UNESP são desorganizadas.</p>
<p>Aluno 4 – Em Franca falta muita credibilidade da universidade pública, não sabe se é a relação com o reitor. Existe uma priorização por universidades privadas, nunca saiu no site da universidade uma notícia sobre atividades realizadas com empresas. Uma credibilidade interna existe, mas um problema de frame evita que a população partilhe dessa credibilidade. A UNESP em si errou em colocar os cursos em Franca, existe uma dupla desconfiança entre a UNESP e cidade.</p>
<p>Aluno 5 – A dificuldade de trazer o global para o regional é muito presente na região de Franca. As pessoas não têm a visão global sobre o tema ligados a comércios e importação e exportação. A prática é muito presente, mas é difícil conectar com as teorias. A última gestão tinha mais engajamento, mas, eu não sei o motivo, mas eu sei por que caiu por terra a pauta de articulação que envolvia o projeto Franca 2030, mas então secretário na época foi demitido</p>

Aluno 6 –

Existe um isolamento da UNESP em relação a cidade. Um isolamento local e uma bolha que dificulta a interação entre a comunidade local e os alunos. Falta integrar os diferentes setores que podem beneficiar a comunidade e inserir a UNESP na comunidade.

Aluno - 7 –

Já tive relação com dois tipos de clientes ao realizar atividades pela UNESP. Um tipo de cliente que é superpositivo e outra que precisa ficar se provando a todo tempo. A visão de universidade pública tem uma credibilidade menor que as privadas em Franca.

Aluno – 8

O motivo do distanciamento podem ser vários, mas geralmente quem é de Franca não quer UNESP, quer em universidade particular. E com isso cidade perde, pois os alunos saem de Franca. As ações da UNESP não possuem legitimidade local, porque poucas famílias têm parentes que estudam na UNESP de Franca. Falta abertura dos dois lados, tanto da UNESP quando da comunidade e do setor produtivo. Os alunos da UNESP não querem se relacionar de forma intensa com o setor produtivo local, a maioria não são de Franca. A universidade de pode estar em Franca, mas Franca não quer e a UNESP aqui.

Aluno 9 –

As atividades da graduação impedem que a conexão dos alunos com a sociedade ao redor da universidade. A UNESP fica praticamente isolada aqui nessa região, ela já pertenceu ao centro da cidade, mas agora está aqui mais afastada. Não deve fazer falta para região central, pois não acho que existe algo que faça diferença ou mudanças nos arredores nas atividades que a UNESP pratica. É como se fosse um mundo paralelo.

Aluno 10 –

Eu sinto que a universidade não pertence a cidade. Na última eleição mesmo a gente não teve espaço, pois a faculdade é considerada de esquerda, e tudo que a gente faz é visto como militância do PSOL e do PT, isso é muito ruim. Ainda mais com o setor produtivo da cidade que é majoritariamente composto por uma classe média que apoia o atual governador e presidente. Ou seja, não acredito que temos espaço para diálogo com eles.

Aluno 11 –

Existe uma certa visão negativa sobre os alunos da UNESP, mas acho que não só da UNESP, da outra universidade pública também. Penso que muitas vezes a gente é visto com baderneiros e usuário de drogas, essa visão dificulta, na minha opinião, o interesse de empresários e donos de fábricas procurarem alunos para ajudar em projetos.

i) As dificuldades dos alunos de graduação da UNESP de atuar com o setor produtivo de Franca.

“As atividades de graduação impedem a conexão dos alunos com a sociedade ao redor da universidade”, aponta o aluno 9 durante o grupo focal realizado com alunos da UNESP de Franca.

As dificuldades apresentadas pelos entrevistados o grupo focal realizado sobre a interação da Universidade Estadual de São Paulo apontam para várias questões que contribuem para análise de um interesse em realizar projetos em conjunto e ao mesmo tempo mostram ações nos setores que dificultam que essa interação aconteça. Os alunos reclamam da falta de legitimidade que a universidade tem na região onde está. Fazendo com que as empresas e industriais busquem universidades particulares para parcerias e apoio, deixando a universidade pública como segunda opção (Tabela 04- Grupo focal, Aluno 9, Aluno 6).

Com base no grupo focal, essa visão não está apenas nas atividades que envolvem a atuação das universidades públicas da região com as empresas locais. Outro aluno aponta que a comunidade local não vê a UNESP como um local de apoio, mesmo que outras entidades e grupos de extensões proponham atividades para melhoria da qualidade de vida na região. O aluno que é morador da região de Franca, menciona que sua família, assim como outras, na visão dele, espera que os filhos estudem em universidades privadas em Franca. E que as universidades públicas são vistas como um aglomerado de pessoas que não contribuem para a melhoria de região, pelo contrário, deturpam a cidades com festas e atividades comemorativas. Relata um dos alunos sua opinião sobre a visão das pessoas da cidade e de sua família também moradora da região (Tabela 4 - Grupo focal, Aluno 8, Aluno 11).

A comunidade local não possui a visão global de integração dos setores, segundo a opinião de um dos alunos, mas que sabem do funcionamento local da indústria e do comércio. Essa troca é dificultada pela ausência de uma comunicação efetiva, segundo a visão do grupo (Tabela 4 - Aluno 5).

Segundo uma das alunas, a linguagem técnica sobre os procedimentos ensinados na universidade torna a comunicação com os empresários ainda mais complexa. Onde os projetos parecem “aulas” sobre o tema, ao invés de projetos de ação e planejamento. Essa é uma dificuldade apresentada por todo o grupo focal, eles acusam que a linguagem utilizada na universidade não permite o acesso da comunidade aos conteúdos produzidos nela.

ii) As oportunidades de interação e cooperação entre a UNESP e o setor produtivo local

A região ao redor da UNESP é composta por pequenos comércios, casas de moradores locais e repúblicas de estudantes da UNESP e FATEC, porém a maioria dos alunos das repúblicas é da UNESP. Esses alunos são majoritariamente de outras regiões, e permanecem em Franca durante o período letivo, intercalando pequenas viagens até suas cidades durante o período médio de formação que é de 4 anos e 5 anos para o curso de direito. Período que poderia servir como base de cálculo para universidade lançar programas de ação e ser usado para que a universidade construa projetos que integrem os alunos a sociedade local.

Algumas iniciativas, como o Franca 2030, buscam que essa a interação entre a universidade e comunidade, de alguma forma, enraíze ela no contexto local. Tornando-a um agente colaborativo para o desenvolvimento de pequenas ações entre sociedade, setor produtivo e comunidade que fortaleçam esse vínculo. A região carece de projetos e programas, porém a estrutura nos arredores é uma das melhores da cidade, pois está na região central e possui maior investimento em infraestrutura. Mas existem poucos programas de incentivos ao comércio local. Como relata o **Comerciante 01**:

“Os alunos sempre consomem aqui, mas é apenas o que fazem. Geralmente quando a gente precisa de alguma ajuda a gente procura alguma associação que estenda um pouco mais a necessidade do pequeno comércio. A gente, recentemente, precisou de um sistema de nota fiscal para poder fazer entregas e vender para outros locais nos arredores, juntamos umas 3 ou 4 lojas e fechamos um pacote de sistema de fluxo de caixa, ajudou bastante, mas sinto que poderíamos ter feito isso sem precisar contratar uma empresa particular. (Comerciante 1) ”

Como apontado no capítulo I sobre os desafios estruturais e Franca e da UNESP e Franca é importante ressaltar que a ausência de cursos voltados para o desenvolvimento

de programas e para as áreas administrativas do comércio e empresa pode ser um dos fatores que dificultam a interação entre os alunos da universidade e dos pequenos comércios e empresas da região. Segundo a ACIF (2019) a cidade possui pequenos comércios voltados para alimentação, bebidas em geral, farmácias e produtos para animais de estimação, itens essenciais em sua maioria. A mudanças do comércio de Franca foi tão intensa que o conhecido Shopping do Calçado de Franca será reinaugurado como um centro comercial tradicional, não mais especializado em calçados.

Mas os problemas estruturais podem ser compensados pela disposição entre os agentes em realizar projetos que promovam desenvolvimento local através da interação entre eles. Como mostra as observações feitas por alunos durante o grupo focal.

A gente sempre tenta realizar atividades com a comunidade local. Todos os cursos possuem alunos interessados em práticas que entreguem de alguma forma algo para a comunidade, porém não é nada fácil. Existe muito estigma e um estereótipo negativo sobre os alunos da UNESP, as pessoas pensam que a maioria não quer nada com a vida, e isso não é verdade. Eu sinto falta de maior interação com projetos e ações da universidade que proporcionem aos alunos maior interação, pois é muito difícil "meter as caras" e sair tentando auxiliar de alguma forma a comunidade. (Aluno – 10) – comentários no final do grupo focal.

Existem outros projetos que mostram quando a comunidade pode ser receptiva, não necessariamente realizados entre a universidade e o setor produtivo, mas que mostram a relação entre a universidade e a comunidade.

Existe um programa de extensão na UNESP que leva alunos da graduação nas escolas públicas para ensinar alunos de ensino médio sobre política. É muito interessante ver a realidade do ensino público de Franca, muito alunos estão mega cansados, pois tem uma jornada de trabalho antes da escola. Outros estão bem motivados a participar e agradecem as aulas sobre o tema, mas a verdade que é pouco em relação ao que a universidade poderia fazer, na minha opinião, como mais programas como esse, que podem tirar a estigma negativo que a comunidade tem sobre os alunos. (Aluno – 10) comentários no final do grupo focal.

Segundo entrevista com o membro da ACIF (entrevistado ACIF 1), a ENACTUS tem desempenhado um importante papel na UNESP de Franca, através do empreendedorismo social, ela busca gerar aumento de renda para alguns grupos específicos, entre eles: mulheres da região, mães solas e a população negra da região, e trabalhar com famílias da região em pequenas produções que precisem de consultoria para empreender.

iii) A desconexão da UNESP de Franca com o setor produtivo da cidade

A UNESP de Franca conta com grupos de extensão voltados a auxiliar a sociedade civil, entre eles está a Empresa Júnior de Relações Internacionais ORBE. Em 2018, ela iniciou um projeto junto a Associação de Industriais de Franca (ACIF). O projeto partiu da associação que procurou a UNESP para o projeto. Segundo relato dos alunos, o atual reitor da universidade, Murilo Gasparido, chegou a conversar com o grupo sobre a importância de iniciativas com a sociedade civil. O reitor é responsável por apresentar o projeto Franca 2030, baseando-se nas iniciativas do desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU). Porém, o projeto perdeu o fôlego com o tempo e acabou saindo do radar da universidade de acordo com os alunos. Na opinião dos alunos os cursos não facilitam a integração com o setor produtivo calçadista da cidade, principal setor industrial da cidade. Segundo relato:

Essa desconexão é causada, principalmente, porque a UNESP é vista de forma negativa pela comunidade local, logo às indústrias buscam universidades particulares para fazer projetos. Esse distanciamento ocorre, a meu ver, porque quem é de Franca não quer fazer UNESP, quer fazer universidade privada. E os alunos da UNESP são, em grande maioria, de outros locais, e quando se formam vão embora daqui. Não criam vínculos de longo prazo com empresas locais ou com comunidade. (ACIF -1)

Em entrevista ao coordenador de planejamento econômico da ACIF, ele menciona que o poder público abandonou a universidade e a indústria da região e que o esforço de procurar parcerias para projetos parte única e exclusivamente dos dois agentes, universidade e empresa. A UNESP, perante as demais universidades de Franca, ao ver da associação, é a que mais propõem projetos com a sociedade local, porém não existe divulgação do que é produzido. Ele conta ainda que o projeto Franca 2030 não teve apoio da prefeitura, que lançou junto ao projeto o Franca 2040 com as mesmas iniciativas, resultando no enfraquecimento de ambos que se perderam com o tempo.

iv) As dificuldades enfrentadas pela UNESP ao tentar se inserir no contexto local de Franca

A cidade de Franca enfrenta hoje uma mudança de estrutura produtiva (ACIF, 2020). O setor calçadista não suportou a globalização que gerou a desvalorização do produto e a ampla concorrência mundial da indústria de calçados. É importante ressaltar que a confecção de calçados exige intensa mão de obra, pois boa parte das peças precisam ser feitas a mão. E mesmo as peças produzidas em máquinas, precisam de supervisão humana (ACIF, 2020). Na opinião do departamento de planejamento econômico da ACIF, o setor produtivo busca prover melhorias sem depender do agente estatal, dado que não existe um amparo do poder público. E que algumas vezes a UNESP participa das atividades, mas que as exigências legais da autarquia impedem a continuidade de alguns projetos. Ele menciona que ao acompanhar o projeto da UNESP junto a ACIF, com a empresa ORBE como interlocutora da relação universidade empresa, pode notar o empenho dos alunos, porém não pode deixar passar a ausência de conhecimento e experiências com o setor produtivo local.

A UNESP, a meu ver, dentre as universidades de Franca é a que mais tem projetos legais para oferecer para a comunidade. Mesmo assim, eu sinto, como se ela estivesse à dez passos atrás da realidade do setor produtivo, eles possuem uma lógica muito acadêmica desconexa da realidade local. Mas as demais universidades estão ainda mais distantes da realidade. (ACIF- 1)

A visão do representante da associação do setor produtivo da cidade torna evidente que a função de conectar o global com o local através das universidades não é uma tarefa simples. E que a ausência de políticas públicas de incentivo a essa articulação só pioram o cenário. Mas a ausência do poder público não é o único motivo da desarticulação da UNESP com a comunidade local, a ausência de divulgação também colabora.

Eu vejo, por exemplo, a USP de Ribeirão, sempre está presente no jornal da cidade. O prefeito de Ribeirão foi pessoalmente no começo da pandemia conversar com a universidade como ela poderia ajudar o poder público. Isso é importante, porque as pessoas sentem orgulho de ter a universidade e legitimam o trabalho realizado. (ACIF - 1)

A articulação, cooperação e dinamismo entre agentes depende de uma ampla base de diálogo e comunicação (Martins, Vaz e Caldas, 2010; Markusen, 1995, 1991; Saxenian, 1994). E sem o diálogo, a articulação se torna uma ferramenta distante para ser usada em benefício do desenvolvimento local. A UNESP conta com um departamento de estudos sobre políticas públicas, mas a gestão pública da cidade não parece aberta para dialogar, segundo o entrevistado. Algumas ações como microcrédito para pequenos negócios através do Banco do Povo já foi introduzido na cidade, mas a falta de avaliação de eficácia tornou o projeto insustentável pelo número de inadimplência. A entrevista revela ainda que existe na ACIF um interesse de se conectar a sociedade e a comunidade local de Franca, e que esse desejo também é presente na UNESP, basta observar as iniciativas para realizar essa interação. Mas que com o poder público ausente, a UNESP se torna a representante estatal, tornando-se a ancora para o desenvolvimento da região ao tentar produzir inovação tecnológica na área de planejamento e bem-estar social, pois é importante ressaltar que a UNESP de Franca é um campus dedicado a matéria de ciências humanas. Sendo esse um outro problema na opinião do entrevistado representante das empresas na ACIF:

Às vezes a gente quer até contratar alguém, porém quando essa pessoa chega na empresa com a visão da academia ela ainda precisa aprender várias coisas que não é presente no curso na universidade. A gente ainda insere nos estagiários, Python, R-estatística um pouco de Excel. É importante lembrar que a indústria calçadista precisa prioritariamente de estudos para desenvolvimento de maquinário que diminua a intensidade de mão de obra, que torna a indústria muito custosa a longo prazo. (Empresário 1).

Cursos de desenvolvimento de programação industrial como engenharia, sistema de informações e outros da mesma linha de pesquisa, não são presentes em Franca. As empresas que precisam de um operador especializado, precisa importar de outras regiões, oferecendo salários acima do valor para se tornar atrativo. Ele ressaltava ainda:

Franca tem um departamento de desenvolvimento tecnológico, o ITP, mas a gestão pública da cidade parece não entender as necessidades do setor produtivo local. E as universidades precisam fazer “um meio de campo”, mas nem tudo está ao alcance delas. Eu penso que desde as medidas do governo Collor na década de 90, se Franca tivesse parado para investir em pesquisa com o objetivo de tornar o custo da fabricação de calçados menor, essa

desindustrialização não estaria ocorrendo. Pelo menos não de forma tão agressiva. (ACIF 1).

Ele conta que em 2006, 50% da população estava empregada na indústria de calçados de Franca e hoje não chega a concentrar 15%. Segundo dados da ACIF, 78% da população em 2019 em Franca possuem renda nenhuma ou ganham até 2 salários mínimos. Para ele, esse é os resultados de um setor que não suportou as mudanças e está se esvaindo aos poucos. Um setor industrial especializado na confecção de calçados depende da produção de mão de obra capacitada para ele. O poder público precisa pensar de forma completa caso tenha interesse em tornar determinada a região referência em determinado setor, caso contrário, o desejo não se concretizará (Abdal, 2010).

Como podemos observar a UNESP enfrenta dificuldade de inserção local, seja por sua estrutura ou por suas limitações, mesmo que exista interesse dela de participar da melhoria da comunidade local, não existe abertura da comunidade nem legitimidade de suas ações. E o poder público que poderia realizar políticas para melhorar essa relação é ausente na opinião dos agentes entrevistados. São agentes expostos a propor o diálogo, articulação e interação para realizar atividades em conjunto sem incentivos do poder público.

6. Discussão: o problema da desarticulação dos agentes em Franca

Instalar uma instituição de ensino, pesquisa ou instituto de desenvolvimento de tecnologia esperando que ela realize sem incentivos a sua articulação com os outros setores da sociedade pode ser arriscado, pois pode não ocorrer devido ao conflito de interesse entre os agentes. É importante ressaltar que a articulação entre agentes e setores da sociedade civil, como universidade e empresa ou indústria, acontece pela ação de indivíduos que buscam soluções para resolução de problemas, sejam eles individuais ou coletivos. No caso estudado existe um conflito, pois os empresários locais que possuem problemas em suas indústrias e empresas não procuram a UNESP por conta de alguns motivos apresentados nos Resultados da Pesquisa. E os alunos não procuram auxiliar o setor produtivo local por não se sentirem inseridos no contexto de forma individual, ou seja, precisam de iniciativas que busquem promover esse diálogo com a comunidade.

Para Markusen (1995), é necessário alto grau de confiança e cooperação entre as instituições públicas, privadas e a comunidade local, para que o aparelho do Estado sirva de ancoragem para o desenvolvimento da região. Para ela, as universidades, assim como

os centros de pesquisa, possuem o papel de auxiliar os mercados locais e regionais a transcender a fronteira de seus territórios. Ela aponta que caso não ocorra essa relação os distritos industriais ancorados pelo Estado desempenham um papel pouco relevante, abrindo para a discussão do fortalecimento local da indústria e comércio que sozinhas precisam desempenhar o papel de produzir tecnologia sem auxílio do agente Estatal. De forma simples, a ausência de esse enraizamento local da universidade em Franca gera apenas os impactos causados pelo aumento de consumo e a tributação decorrente dele. Não aproveitar a capacidade do equipamento público para contribuir com o desenvolvimento local da região, ou seja, é desperdiçar a capacidade do equipamento público estatal. Se conectar com a comunidade local é um desafio, ainda mais para as universidades.

As universidades enfrentam verdadeiras batalhas internas para construir legitimidade e se posicionar para auxiliar a sociedade, construindo indicadores internos e em rede para fortalecer a visão das universidades perante a população e, muitas vezes, esse papel pode ser realizado através da extensão e pesquisa (Righetti, S., 2019). É necessário construir um sólido posicionamento que faça com que a população busque a universidade como opção de solução dos problemas locais, inclusive o setor industrial e seus empresários, para que assim ela consiga se enraizar no contexto local.

O setor produtivo da cidade enfrenta o desafio de se tornar competitivo na fabricação de calçados. Uma das formas é reduzir o custo de produção da confecção de sapatos ou inovando na fabricação com modelos de qualidade exclusiva, garantindo à Franca um lugar de maior destaque no mercado global, com táticas de exportação, aprimoramento da mão de obra e qualificação do trabalho, proporcionando para a cidade maior participação na melhoria industrial. Além da geração de emprego e renda, proporcionaria um local com maior interação entre o setor produtivo e a comunidade. A integração entre comunidade, empresas, trabalhadores, alunos e universidade é uma das principais condições para o sucesso de enraizamento local de um distrito industrial bem-sucedido (Markusen, 1995).

A UNESP de Franca e o setor produtivo local possuem dificuldades para realizar projetos em parceria, mesmo quando ambos atores possuem vontade de cooperar para a melhoria socioeconômica. Nota-se a ausência de políticas públicas que atuem para promover maior interação entre os diferentes atores locais, tornando inviável as práticas em conjunto que entreguem o desenvolvimento local prometido pelas literaturas sobre o tema. Entretanto, o que essa pesquisa nos mostra é que algumas variáveis podem interferir

de forma negativa ou positiva como, por exemplo, os cursos da instituição, o conteúdo produzido pelo setor produtivo local e a disponibilidade para projetos e programas. Além disso, a visão de um agente sobre o outro também mostrou ser um dos possíveis fatores negativos que dificultam a interação entre a universidade e os demais agentes locais, tornando inserção local da UNESP ainda mais difícil na região de Franca.

A revisão de literatura sobre o tema de desenvolvimento local através das universidades é complexa, pois mensura de forma teórica inúmeras variáveis que podem interferir ou não na dinâmica local. Dentre elas, o papel do setor produtivo local, a ação da universidade, as propostas do poder público e a disposição local da comunidade para se engajar em projetos e programas. E quando todos esses agentes estão em direção contrária, o resultado pode ser estagnação socioeconômica, precarização do emprego e renda, e ainda desigualdade econômica fruto do empobrecimento de uma parcela dos agentes envolvidos, nesse caso a sociedade. Para Markusen (1995), a concentração de renda e o desmonte industrial causando pobreza e consequências para o bem-estar local representa o insucesso do NDI. Mesmo que com um ambiente propício para que o acontecimento da ancoragem estatal ocorra através de um equipamento público como a universidade pública local, o setor produtivo se demonstrou incapaz de unir esforços para prosperar através da cooperação.

7. CONCLUSÃO

A seguinte pesquisa busca estudar a interação entre universidade e setor produtivo, mesmo que no caso analisado essa interação não exista. É importante ressaltar que o a proposta das Universidade Estaduais também é levar cursos e tecnologia para diferentes locais dentro de seus respectivos estados. A educação também tem o papel de ofertar e não só de captar demanda, mas isso ainda é um paradoxo para as políticas públicas de educação.

O insucesso da interação entre a UNESP de Franca e o setor calçadista deixa evidente que é necessário introduzir políticas públicas e privadas que incentivem a cooperação entre eles. Porém, como ilustrado na pesquisa, a visão que a comunidade tem sobre a universidade se mostrou ser um fator importante, tanto para os alunos, quanto para os empresários que não querem se associar a algo que a comunidade não prospecta positividade das ações. Os cursos ofertados também possuem peso na observação dos alunos, mas não são empecilhos completos, pois podem ser inseridos na dinâmica local de várias outras formas.

É necessário compreender que as empresas privadas e as universidades públicas estão sobre regimentos legais diferentes e isso pode vir a ser um limitador, mas não por completo, apenas pode influenciar no tempo de elaboração de programas e projetos. É possível ampliar o contato dos alunos com o setor privado instituindo práticas dentro dos cursos que garantam mais interação entre os dois setores, familiarizando os alunos com a realidade do outro agente.

Além disso, introduzir uma experiência prática e contrastar com as literaturas sobre os temas é uma forma de mostrar aos alunos que existe uma ampla parcela da realidade que ainda não foi abordada dentro da academia e que novos problemas surgem à medida que os anteriores vão sendo solucionados, essa é uma forma, inclusive, de gerar interesse nos alunos para a prática de pesquisa com temas que eles podem captar no cotidiano dessas organizações. Essa dificuldade, e um certo descompasso entre os agentes, não deve desmotivar e sim impulsionar essa relação. O setor produtivo, representado aqui por empresas privadas de diferentes setores, possui o papel de levar até a universidade seus problemas e a universidade procurar respostas na medida do possível.

7. REFERÊNCIAS

Abdal. A (2015). Sobre regiões e desenvolvimento: o processo de desenvolvimento regional brasileiro no período de 1999-2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-06102015-152922/publico/2015_AlexandreAbdal_VCorr.pdf>.

Abdal. A (2017). Desenvolvimento Regional no Brasil Contemporâneo: para a qualificação de um debate sobre a desconcentração industrial. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/nec/v36n2/1980-5403-nec-36-02-107.pdf>>.

Sen. A (2010). Desenvolvimento como Liberdade. Disponível em: https://www.fep.up.pt/docentes/joao/material/desenv_liberdade.pdf

Burgos. F (2013). Atuação dos Governos Locais no Combate das Desigualdades Socioeconômica.

Eudázio, J (2020). Novas Dinâmicas Territoriais do Sistema Industrial Localizado Calçadista de Franca.

Markusen. A (1995). Áreas de Atração e Investimento em um Espaço Econômico Cambiante: Uma Tipologia dos Distritos Industriais. Editora: Nova Economia, edição 2. Volume 5. Disponível em: <<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2275/1216>>.

Martins, Vaz e Caldas (2010). A Gestão do Desenvolvimento Local no Brasil (Des)articulação dos Atores, Instrumentos e Territórios. Revista de Administração Pública FGV EBAPE. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rap/v44n3/02.pdf>>.

Righetti. S (2019). O Jogo dos Rankings: como surgiram e o que medem os principais rankings universitários pelo mundo. Disponível em: <<http://estante.labjor.unicamp.br/em-novo-livro-da-estante-labjor-pesquisadora-analisa-como-classificamos-as-universidades/>>.

Saxenian. A (1996). Regional Advantage – Culture & Competition in Silicon Valley and Route 128, With a New Preface by the Author. Harvard University Press; Edição: 2.

8. Anexos

Material utilizado na pesquisa:

https://docs.google.com/document/d/1FXgmKf6Hy1yg3nGzbfymclY8WDOeOg775tLa_gKIoD6g/edit?usp=sharing